

# Botha-Chissano: moçambicanos reservados...

"VER para crer" parece ser a divisa moçambicana no rescaldo do primeiro encontro cimeiro entre os presidentes Joaquim Chissano e P. W. Botha. Contrariamente à ppmpa e circunstância que marcou o acordo assinado em Nkomati entre os dois países em Março de 1984, as autoridades moçambicanas sugerem agora cautela e ponderação, remetendo para o lado sul-africano o teste de credibilidade na melhoria do relacionamento dos dois vizinhos da África Austral.

Tal como em 1984, a questão da segurança e estabilidade é o elemento fundamental por detrás dos entendimentos entre Maputo e Pretória. Nesse ano, a África do Sul capitalizava simpatias pela sua flexibilidade na assinatura do "Acordo", deixando Moçambique a braços com as críticas públicas dos seus aliados, que não acreditavam na boa-fé sul-africana em deixar de apoiar a Renamo.

Esta semana, no Songo, Chissano não se escusou a uma operação de "charme" diplomático, reconhecendo reformas importantes na África do Sul e afirmando que o "apartheid" só "em certa medida" é responsável pela crise na África Austral — o que não deixam de ser

argumentos a esgrimir pelo Governo do Partido Nacionalista, de Botha, em vésperas de eleições municipais.

Maputo recusou, no entanto, o carácter oficial da deslocação de Botha, recusando que o encontro se realizasse na capital, como Pretória pretendia. O Songo, mesmo em frente à albufeira da barragem de Cahora Bassa, teve de algum modo o estatuto de capital, não deixando também de simbolizar o compromisso entre Moçambique e a África do Sul na reabilitação do projecto hidro-eléctrico, compromisso a que não são alheios os esforços de Portugal. Aliás, quando os sul-africanos sugeriram a presença no Songo do Presidente vitalício do Malawi, Hastings Banda, Maputo ripostaria com a presença de uma representação portuguesa, bem dentro do "espírito de Cahora Bassa".

Os acordos para a reparação das linhas de alta tensão e das torres sabotadas pela Renamo foram assinados em Lisboa, três dias antes do encontro do Songo, contribuindo Pretória com 14,6 milhões de dólares para os postes e linhas, mais 4,2 milhões para a aquisição de equipamento não letal a utilizar pela força de protecção moçambicana.

A Itália — que participa na reconstrução das linhas através da empresa SAE — garantiu 16,4 milhões de dólares para as obras. Todo o exercício diplomático de Maputo em vésperas da visita do Papa João Paulo II a Moçambique aponta, uma vez mais, para uma estratégia local que tem em conta os pontos de vista ocidentais para a estabilização regional.

Moçambique parece "militantemente" apostado em demonstrar ao Ocidente uma disponibilidade negocial, procurando provar ao mesmo tempo que a chave para a solução dos conflitos regionais reside na natureza do regime sul-africano. Enquanto, do lado angolano, se tem ensaiado sobretudo uma estratégia musculada — que começa agora a produzir frutos palpáveis, com a maior flexibilidade de Pretória nas negociações quadripartidas —, Maputo tem que continuar a apostar na frente político-diplomática para ganhar espaço na área puramente militar.

## Aguardar a melhor oportunidade

Aprendendo as lições do passado recente, o encontro do Songo parece ter sido



Cahora Bassa serviu de fundo a um encontro com muito simbolismo e talvez pouca substância.

escrupulosamente coordenado com os parceiros de Moçambique na região. Um Chissano irradiando à-vontade diria aos jornalistas, na segunda-feira, que não esperava qualquer crítica dos lí-

deres dos países da Linha da Frente. Como que corroborando estas declarações, o oficioso "Notícias de Maputo" publicava na terça-feira uma fotografia do chefe de Estado-Maior das Forças

Armadas angolanas, o general França "Ndalú", com o Presidente Joaquim Chissano, a propósito de um encontro de trabalho no domingo, escassas horas antes da cimeira do Songo. E, na quinta-

feira, Jacinto Veloso — o ministro da Cooperação de Moçambique, desde sempre envolvidos nas negociações com os sul-africanos — voava para Luanda, levando "notícias frescas" aos angolanos.

Maputo aguardou pela melhor oportunidade para dar "luz verde" à primeira cimeira Chissano-Botha. Pretória exprimia publicamente esse desejo desde o desaparecimento de Samora Machel no Outono de 1986. A diplomacia moçambicana, por um lado, deixou fermentar o isolamento internacional de Pretória com constantes acusações de "má-fé" dos sul-africanos quanto ao cumprimento do Acordo de Nkomati, as quais partiram sobretudo das potências ocidentais.

Paralelamente, Maputo argumentava que Chissano só se avistaria com Botha num contexto eminentemente prático, traduzido em garantias concretas de empenhamento sul-africano quanto à cessação do apoio à Renamo, à utilização de vias férreas e do porto de Maputo e à estabilização da mão-de-obra nas minas da África do Sul.

Os acordos de Junho sobre Cahora Bassa e uma aparente

diminuição nos apoios logísticos à Renamo constituíram como que um sinal para um potencial novo entendimento. Maputo insiste, contudo, que o Songo "não é Nkomati II nem Nkomati III", numa alusão que inclui as abortadas tentativas de Outubro de 1984 de sentar Moçambique e a Renamo à mesa das conversações, com Pretória como intermediário.

## Militares sul-africanos mortos em Moçambique

A presença de Magnus Malan, o ministro da Defesa da África do Sul, no Songo pretendeu simbolizar o garante do respeito pelos militares sul-africanos do fim do apoio à Renamo, condição que sempre foi posta pelos moçambicanos.

P. W. Botha, sem deixar de ser ambíguo, no final das conversações disse confiar na palavra de Chissano sobre a amnistia decretada para os elementos da Renamo. "Ele disse-me que (...) eles podem regressar e tomar parte em discussões livres e pacíficas com ele".

O comunicado final do Songo assinala precisamente a criação de comissões de

peritos para discutir assuntos de cooperação económica, transportes, trabalho migratório e trocas comerciais. A comissão de segurança conjunta, estabelecida para discutir violações ao acordo de Nkomati, foi formalmente reactivada em Maio deste ano e a primeira reunião teve lugar a 7 de Julho em Pretória. Um documento restrito — que circulou pelo menos em Maputo e Washington — alega a existência, entre Junho e Agosto, de três operações de reabastecimento à Renamo, durante as quais teriam sido abatidos pelo menos dois soldados sul-africanos. A 28 de Julho foi eliminado um soldado negro do exército sul-africano na província de Maputo.

No rescaldo da cimeira do Songo, analistas atentos não deixam de notar a visita de Botha, cinco dias antes de João Paulo II, trazendo na bagagem palavras de paz e reconciliação. E, para além do Papa, está em agenda a visita de Geoffrey Howe, o chefe do Foreign Office britânico — outra das peças-chave no xadrez aparentemente menos nublado da África Austral.

Fernando Lima  
em Maputo